

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

7 a 17 de Dezembro de 2018 | Nº 175 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

DIÁLOGO INTERCULTURAL

Pág.
13 a 14

Resgate de obras de arte africana gera debate

ARTES

Pág.
8

A pertença
universal
na Arte “Fisty”



ARTES

Pág.
7



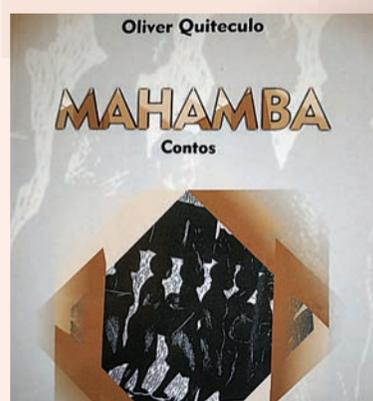
Ossos do
Ofício, de
António Ole

LETRAS

Pág.
6

“Mahamba”
(contos)

Prémio
António
Jacinto



Poema de Kolokota Adelino dos Santos (Betinho)



CATARSE

Entendi o recado solidário
Moldado nas angústias da opressão
Vividas ante o monstro réptil
Sirgando as nossas fraquezas
Aos rumos amargos da servidão

CATARSE

Mutilado
Chagado no mais dentro profundo
Vi-te partir
Da pátria molhada em prantos
Lamaçal de sangue
De cujo brilho o suor acentua

Vi-te no exílio
Enterrando desgraças de cá

Ali na irmã nação do Congo

Em que os braços armamos
Para o regresso à terra
No combate pela liberdade

São Nicolau, Setembro/73

ADELINO ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS (BETINHO), natural de Malange, esteve preso nos anos 70 pelo Regime Colonial, na cadeia de São Nicolau, Moçâmedes até Maio de 1974.

Durante o cativo, na cadeia de São Nicolau, escreveu vários poemas, sob o pseudónimo de “Kolokota”, mais tarde publicados no livro intitulado Poemas dos Campos de Morte, em Fevereiro de 1976.

Ainda em vida, estudou Economia na Universidade Agostinho Neto, foi funcionário do Banco Totta Angola, Dirigente Político e Responsável para a Comunicação da JMPLA – Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola.

Foi co-autor e director do programa emitido nos primórdios da independência pela Rádio Nacional de Angola, o na altura famoso Kudibangela.

Na sequência dos acontecimentos do 27 de Maio de 1977, caracterizados por uma situação insurreccional, foi preso pela Polícia Política (DISA) acusado de envolvimento, tendo sido decretada a sua morte, oficialmente, a 25 de Junho de 1977, por fuzilamento.

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção: 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Cassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 175/Ano VII/ 4 a 17 de Dezembro de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Adelino dos Santos (Kolokota), Analtino Santos, Filipe Zau, Lito Silva, Patrício Batsikama, Rúbio Praia

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha, Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, Obvious Magazine e Engenharia é.

O poeta de “O Vento do Parto” marcou encontro com o Criador

ANTÓNIO GONÇALVES

Conheci o poeta António Panguila em 1993 estava na altura a preparar a edição do meu primeiro projecto literário. Ele já havia publicado o poemário “O Vento do Parto”, em 1993, edição do autor.

Homem modesto, altamente presencioso, senhor de uma lucidez impressionante, conhecedor profundo da literatura angolana, sobretudo da Poesia.

Pertenceu ao projecto estético literário Ohandanji com os escritores Luís Kandjimbo, Lopito Feijó entre outros.

Ao dedicar-me o seu segundo livro, “Amor Mendigo” escreveu: “Para o irmão A. Gonçalves com amizade pela afirmação do novo discurso poético angolano” e assinou com a data de 9 de Março de 1998.

Para além dos dois brilhantes livros citados, produziu um terceiro livro de poesia intitulado “Corpo Molhado de Prazer” em 2011. Organizou também uma Antologia de Poesia Erótica Angolana designada “Amor no meio do teu Mar”, UEA, colecção Guaches da Vida, 2013; excelente título tomado de empréstimo ao poeta Cristóvão Neto. De nome completo António

Francisco Panguila, nasceu aos 15 de Julho de 1963 em Luanda. Membro da União dos Escritores Angolanos, chegou a interinar o cargo de secretário-geral durante alguns meses. Foi membro fundador da Brigada Jovem de Literatura Angolana. É também autor do ensaio “Agostinho Neto: Libertador e Homem de Cultura”.

Nos Anais da história da literatura angolana, António Panguila será sempre recordado como um “poeta militante da economia da palavra”, do bilinguismo português-kimbundo e da sugestão verbal, intelectual, historiador em suma um homem de cultura.

É inegável que o seu estudo sobre a poesia erótica angolana não tem paralelo entre nós. O texto introdutório do livro mostra, uma reflexão bem fundamentada por quanto o autor projecta-nos para este mundo imaginário que é o Amor, mas fá-lo com seriedade e conhecimento peculiar, fruto de leituras onde se cruzam elementos do erotismo e da espiritualidade, senão vejamos o que nos diz:

“Do ponto de vista semiótico, o Amor é um texto. É o mais expressivo texto da Vida, através do qual cada entidade amorosa institucionaliza a sua relação com o Universo lírico e sensual. O Amor



António Panguila será sempre recordado como “um poeta militante da economia da palavra”

é tema eterno, na medida em que ele foi, é e será para todo o sempre cantado pelas gerações literárias do planeta Terra”.

E prossegue da seguinte forma:

“A Antologia de Poesia Erótica que está em vossa mão, tem um corpo, uma mente e uma alma, nos quais gravita toda a energia amorosa emanada a partir do centro energético divino que faz da poesia uma filosofia espiritual que ajuda a elevar os níveis de espiritualidade dos leitores”.

O nosso irmão não passou despercebido por este mundo, deixou marcas profundas das quais as próximas gerações devem estudar e enaltecer o seu legado. Sei que tem concebido uma tese

sobre a Geração Literária do Pós-Independência; uma forma de honra-lo seria a edição deste material.

Estamos todos de acordo que a arte é a forma clássica pela qual o homem decidiu perpetuar-se. No caso do escritor que nos congrega aqui, a sua missão foi esplendidamente cumprida apesar da sua partida prematura.

Quanto a nós que convivemos com ele, julgo estar a ser acertivo se disser que foi uma grande honra termos partilhado a vida com um sábio sem que nos déssemos conta disso.

Irmão António Panguila, Descanse em paz e ver-nos-emos em próximas encarnações. Um até depois...

A inigualável poesia de Frederico Ningi

Frederico Ningi é, para além de um nome incontornável no panorama das artes visuais e literárias em Angola, o mais original entre os seus pares e aquele cuja obra, sem deixar de constituir um diálogo com as raízes, se estrutura sobre um feixe de associações que a torna de imediato, por impacto directo, legível, atraente e actual em qualquer parte do mundo.

Desde logo a originalidade lhe vem de um constante cruzar de disciplinas artísticas na mesma peça, procedimento inusual entre nós, anquilosados que ficámos décadas e décadas em poemas exclusivamente discursivos.

Em muitas das páginas dos seus livros podemos encontrar desenho junto com texto, de tal forma envolvidos que se tornam inseparáveis, na medida em que o desenho não está ali para ilustrar o texto, nem o texto para descrever o desenho, mas a peça, a obra, o poema, a página, são o conjunto das duas coisas, um conjunto como que fundido numa imagem só, verbi-voco-visual para usar

uma expressão cara aos concretistas de São Paulo e a alguns outros (por exemplo o português Melo e Castro).

Se comparamos, porém, esses seus trabalhos aos que hoje vemos em disciplinas híbridas (sendo a poesia visual a mais próxima de Ningi) notamos ainda uma forte originalidade. Porque, geralmente, os programas concretistas, da poesia visual e, em parte, da artecorreio, operam sobre as potencialidades visuais das letras, ou da mancha gráfica; na poesia visual, por vezes, é da imagem visual (sem qualquer indício verbal directo) que se extrai uma sugestão alfabética a explorar pelo artista, ou essa sugestão é directamente adaptada a uma forma, ou perfil, da imagem visual que sugere a produção verbal. No caso de Ningi isso não acontece: as sequências verbais e as visualizações ocorrem separadamente, a sua fusão dá-se apenas na imagem de conjunto.

Lembro-me de, quando éramos mais novos, rabiscarmos desenhos e palavras mais ou menos como faz

Ningi nos livros até hoje publicados. A prática mais próxima dessa que me ocorre é a dos hippies e acredito que viesse deles, por contágio da globalização, o nosso jogo de letras, desenhos e palavras que, num leque mais vasto de possíveis origens, pode ir até aos desenhos na areia, a tradições recuadas em várias partes do mundo, mas naquele momento os hippies faziam o mesmo, misturando frases líricas e desenhos que não serviam de espelho às frases, eram outra construção das mesmas inspirações, ou seja: com origem nas mesmas imagens intuitivas de base.

Também como nesse tempo há nos textos de Ningi e nos seus desenhos, muitas vezes, como corpo inseparável, uma particular incidência na mensagem social, na denúncia de situações injustas, violentas, opressivas ou simplesmente incompreendidas. É claro que isso o liga, não só aos nossos desenhos de juventude ou adolescência e aos dos hippies, mas à grande tradição testemunhal e de denúncia da literatura angolana, que é

quase tão antiga quanto ela.

Mas isso tudo se transformou. Hoje a denúncia vive por vezes de visualizações mais subtis, de insinuações, alusões e a apropriação dos meios informáticos contribuiu fortemente para uma tal evolução.

Mas tudo isso ficará, por enquanto, por dizer. A obra de Ningi merece um esforço e um espaço muito mais alargado de reflexão que pressupõe esperar-mos ainda por desenvolvimentos ulteriores, ouvirmos e lermos outras interpretações aprofundando aspectos da obra e termos tempo, tempo de ruminar para abarcá-la num estudo de conjunto. Quem sabe, mais tarde.

FRANCISCO SOARES

Professor Universitário

Texto publicado no Jornal de Angola de 6 de Novembro, 2011.





FILIPPE
ZAU*

A experiência namibiana e a razão para o ensino em línguas africanas

Em 1990, a Namíbia, com uma população de 1.409.920 pessoas e uma taxa de analfabetismo na ordem dos 60% (censo de 1991), foi a última colônia africana a tornar-se independente. Porém, já em 1989, aquando das primeiras eleições livres, a SWAPO, força política no poder desde a independência do país, apresentava no seu Manifesto Eleitoral a sua política linguística e nela evidenciavam-se as suas preocupações com as línguas africanas do país. Eis o teor da mesma:

“A nação namibiana é constituída pela herança cultural e linguística dos seus vários grupos. A Namíbia democrática será enriquecida por tudo o que é saudável para a sua herança. O Governo da SWAPO seguirá, portanto, uma política linguística que conferirá igual status e respeito a todas as línguas faladas localmente. A nova política corrigirá a actual injustiça pela qual os estados coloniais alemão e sul-africano deram ênfase ao ensino, desenvolvimento e uso do alemão e afrikaans em detrimento de outras línguas locais, tais como, Damara/Nama, Kuangari, Otjiherero, Oshiwambo, Silozi, etc. Esta situação será melhorada para um padrão satisfatório. A língua materna será usada como meio de instrução no nível básico da escola primária. A preocupação aqui não é com a chamada identidade de grupo ou consciência e exclusividade étnicas, como foi o caso do regime colonial do apartheid, mas com a satisfação das funções cognitiva e comunicativa. Uma vez que é através das línguas maternas que as crianças adquirem pela primeira vez hábitos e práticas sociais, sentimentos, gostos, habilidades e outras normas culturais, é importante que a sua escolarização formal comece com essas línguas da vida diária em casa.” [In, SWAPO OF NAMIBIA (1989), Swapo election Manifesto: Towards an Independent and Democratic Namibia: Swapo’s Policy positions. S. I., p.6];

A Namíbia optou pelo Inglês como língua oficial, conforme se encontra expresso no ponto 1 do artigo 3º da sua Constituição. O Inglês passou a ser o único meio de comunicação em todas as instâncias executivas, legislativas e judiciais, desde o nível do governo central ao simples cidadão. Porém, esta situação não deixou de ser bastante criticada, nomeadamente, num artigo de imprensa, do Windhoek Advertiser, em 16 de Julho de 1994: “De acordo com as cifras do censo de 1991 sobre as principais línguas faladas na Namíbia, 10.041 pessoas, i.e., 0,8% da população total fala Inglês.



Crianças namibianas

De acordo com alguns parlamentares torna portanto ridículo ter o Inglês como língua oficial. Mas apesar da sua fraca base social havia um facto que, de modo algum, era desconhecido pela SWAPO ao formular os princípios da sua política linguística; i.e., a repulsa pelo Afrikaans, estigmatizado como “língua de opressão” apesar de ser uma língua franca falada em todo o país.

A rejeição do Afrikaans por razões políticas pode também ser vista como uma discriminação de grupos étnicos. Por exemplo, os Basters têm como língua materna o Afrikaans. Este facto levou Nelson Mandela a fazer um discurso em Afrikaans, dirigido a mineiros de expressão Afrikaans, em Namaqualand onde terá afirmado: “Sei que o Afrikaans é muito importante para vós (...), e por esse motivo ele permanecerá sempre uma língua materna” [MANDELA, Nelson (19 de Setembro de 1994), Afrikaans is OK – Mandela,

The Namibian, p.8]. Ora, a introdução do Inglês como língua oficial e em substituição do Afrikaans, foi realizado num espaço historicamente curto. Pelo menos, desde 1998, o ensino primário do 2º grau, todo o ensino secundário, bem como a educação terciária são já ministrados em Inglês. Daí que surjam vários problemas nas escolas namibianas, tais como: um elevado número de professores sem suficiente competência linguística em Inglês e que agora tem que usar o Afrikkans; fora das salas de aulas raramente se fala em Inglês; ocorre frequentemente, na 4ª e na 5ª classes, o professor ter de traduzir as aulas para a língua local; nas aulas, as alunas, em particular, mostram-se tímidas para se expressarem em Inglês, devido à insuficiente competência para usá-lo como meio de comunicação e de instrução...

Contudo, foi a partir da Conferência de Ongwediva, em 1992, que se constituiu um documento básico que abor-

da o papel das línguas africanas da Namíbia na educação, do qual apresentamos alguns aspectos considerados relevantes para o status e promoção das línguas africanas da Namíbia:

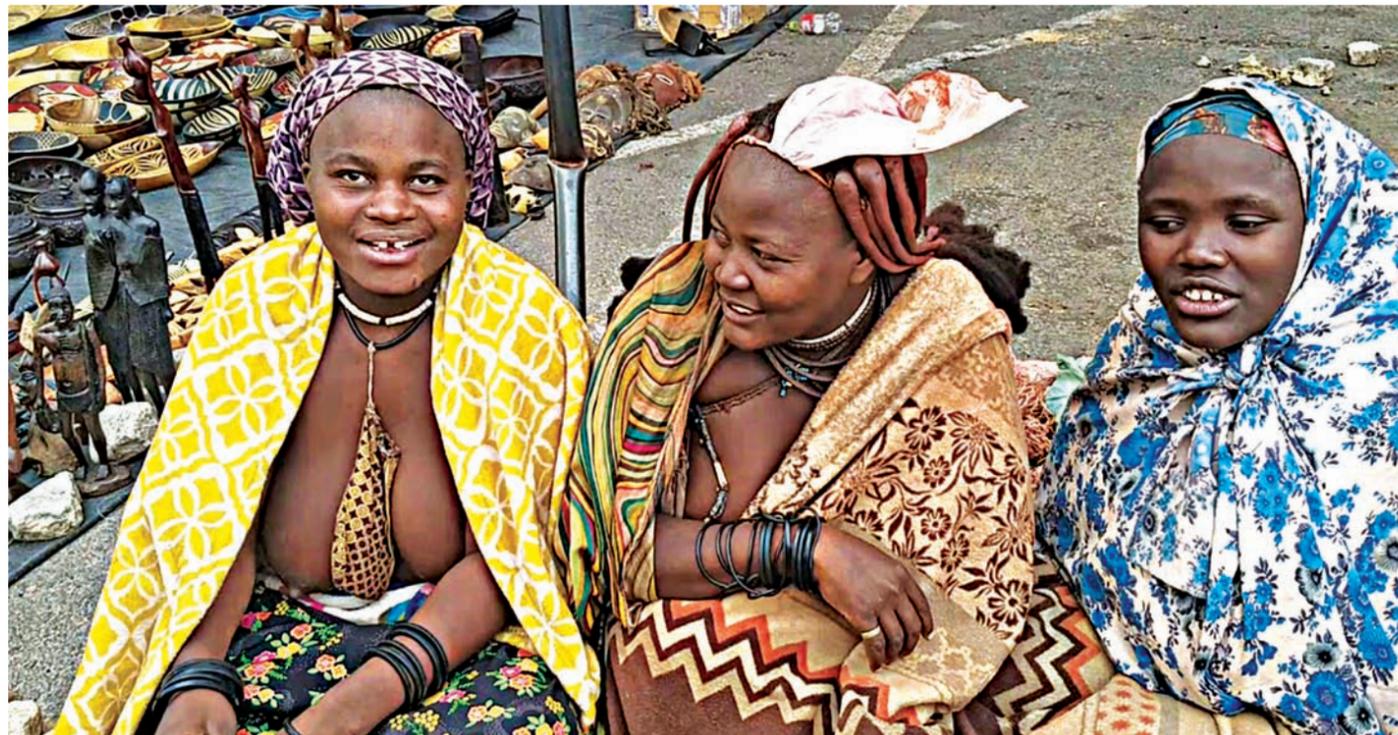
“A nossa política linguística tenta alcançar os seguintes objectivos: Durante os sete anos do Ciclo Primário, a educação deve promover a aquisição e o domínio razoáveis da língua oficial e preparar os alunos para o uso do Inglês como meio de instrução ao longo do Ciclo Secundário. A Educação deve promover a língua e a identidade cultural das crianças através do uso da língua falada em casa como meio de instrução, pelo menos nas primeiras classes do Ensino Primário, e do ensino dessa língua ao longo de toda a educação geral. As escolas são livres de organizar actividades curriculares para promover qualquer língua e cultura. As escolas privadas podem usar, ao longo do Ciclo da Escola Primária, qualquer outra língua como meio de instrução desde que ofereçam uma língua indígena como disciplina. As escolas estatais ou escolas subsidiadas pelo Estado que desejem ensinar disciplinas não promocionais no Ciclo Primário através da língua falada em casa, são livres de o fazer desde que tal abordagem não promova tensão e conflito intercultural na escola. Preferencialmente, as escolas devem oferecer duas línguas indígenas como disciplinas. As crianças que não estão em posição de lidar com tal requisito podem ser dispensadas ou aprender uma língua não oficial como disciplina não examinável. Para além do ensino primário, o meio de instrução para todas as escolas deverá ser a língua oficial (...). 6.2 Para a calendarização, a aprendizagem e o processo de instrução nas escolas, todas as línguas nacionais (línguas étnicas e línguas maternas) são vistas como iguais e ao mesmo nível. Assim, todas as línguas nacionais receberão igual tratamento no programa oficial escolar nas escolas estatais ou subsidiadas pelo Estado. A hegemonia da língua está em conflito com o princípio de igualdade consagrado na nossa Constituição (...). 6.4 O desenvolvimento das Línguas Nacionais deve receber a devida atenção. Tal desenvolvimento incluirá: codificação; desenvolvimento de materiais de referência lexicográfica; desenvolvimento de literatura nas Línguas Nacionais; pesquisa contínua nas Línguas Nacionais; elevação das Línguas Nacionais, até à data negligenciadas, a igual estatuto e valor que outras Línguas Nacionais”.

Uma versão mais actualizada da política linguística empreendida pelo Ministério da Educação e Cultura surgiu,

em 1994, através de um documento de trabalho intitulado «Política Linguística nas Escolas de Formação de Professores». Os principais aspectos da Conferência de Ongwediva resumem, de um modo geral, em quatro princípios. São eles: “a igualdade dos alunos estudarem através da sua própria língua particularmente nos primeiros anos de escolarização; a promoção da identidade linguística e cultural dos alunos; a promoção do Inglês como língua oficial da nação; o reforço da unidade.” [MINISTRY OF EDUCATION AND CULTURE (1994), Language Policy at the Colleges of Education. A discussion document (Windhoek, 3/2/94, cyclostyled)].

Hoje já se poderá dizer que, pelo menos até 1998, a Namíbia já concedia a 6 línguas nacionais, assim como a 4 línguas locais, o estatuto de meio de instrução, e subsequentemente, para a maioria delas, o estatuto de disciplina no sistema de educação. Na Namíbia, a maioria das línguas são consideradas línguas nacionais, porque gozam do estatuto de línguas francas regionais. Este aspecto pode também, em parte, ser inferido a partir dos números publicados pelo censo educacional anual, salvo se forem apresentados outros dados de classificação de alunos por língua africana da Namíbia.

De acordo com o censo educacional de 1992, por exemplo, o (Si-)Lozi, falado como língua materna por 1,4% dos



alunos, era já meio de instrução para 25.000 crianças desde o início da década de 90. Um total de 43.000 crianças eram ensinadas em (Ru-)Kwangali (5,1% do total de discentes), (Ru-)Gciriku (1,6% do total de discentes) e também (Thi-)Mbukushu (1,3% do total de discentes).

Cerca de 229.000 crianças aprendiam em (Oshi-) Kwanyama (20,6% do total de discentes) em (Oshi-) Ndonga (16,3% do total de discentes) apenas como meio de instrução. Ora os falantes destas duas línguas, que se inserem no grupo genérico conhecido

por “Oshiwambo”, representam 51,4% da população namibiana, de acordo com o censo de 1991. Também 7,3% das crianças são locutoras em (Otji-)Herero que, por sua vez, correspondem a 8% da língua materna dos namibianos. Todavia, este idioma é também ensinado em escolas onde estudam alunos não-Herero.

O Khoekhoegowab é falado por 10,5% das crianças que frequentam as escolas (12,6 dos namibianos são Nama/Damara). Todos estes alunos, apesar da falta de competência de muitos professores na língua inglesa, apren-

dem também Inglês como disciplina de ensino desde a 1ª classe e como meio de ensino a partir da 3ª classe. Todavia, os serviços públicos e o mercado de trabalho requerem apenas competência em Inglês o que faz com que os alunos do secundário percam motivação para a aprendizagem das suas línguas africanas. Para superar esta dificuldade já há anúncios de algumas vagas profissionais, que requerem um conhecimento de uma língua africana para além do Inglês.

* Ph.D em Ciências da Educação e mestre em Relações Interculturais

Cantos Falados & Poemas Alados

nas vozes de Lopito Feijóo e Luísa Fançony

A 22 de Novembro, o Camões – Centro Cultural Português, em Luanda, acolheu o recital de Poesia Cantos Falados & Poemas Alados, com Lopito Feijóo e Luísa Fançony.

Durante o recital, foram declamados cerca de uma vintena de textos poéticos cuja tonalidade oscilava entre a poesia verbal, verbo-experimental, experimental ou prosa poética recorrendo Lopito Feijóo à configuração expressiva que mais se adequa ao que pretende transmitir, sem a preocupação de uma conceptualidade estilística pré-definida.

O que diversificou e potencializou a riqueza temática e expressiva do recital foi a presença, no palco, de uma das mais representativas e respeitadas vozes da arte de dizer entre os angolanos: Luísa Fançony, uma veterana do jornalismo radiofónico em Angola.

Num primeiro momento, foram apresentados um conjunto de simples imaginações de intervenção crítica. Uma série de “sapiências” direccionadas para o futuro, com uma visão do que poderá ser Angola e o destino das suas gentes, das suas políticas, e de um país numa conjuntura de transição. O recital



prossegiu num segundo momento com a apresentação de textos com a sabedoria do presente, onde se descrevem quadros da realidade circunstancial que emerge a cada instante, por vezes, paradoxal. Num terceiro e último momento os dizeres poéticos incidiram sobre o recente passado dos angolanos e de Angola que se revela como uma âncora, como chão do território onde germina uma poética do real, do social e da perspectiva activista, num círculo vir-



tuoso da criatividade doutrinária e polissémica do poeta e crítico social.

A recorrente participação em actividades sociais e a militância com que durante vários anos Lopito actuou no país, estiveram latentes na poética, muitas vezes expressa de forma frontal e com um pragmatismo imediato.

Não faltaram textos repletos de um lirismo “ternurento”, sinónimo da esperança que não esmorece, pois Lopito acredita fortemente num futuro

mais auspicioso, sobretudo para uma nova geração que agora emerge.

Lopito Feijóo e Luísa Fançony comunicaram poéticos dizeres sem uma profunda preocupação a nível formal. Valorizam a estrutura, a sonoridade e as rimas internas, potencializando esteticamente os poemas e conferindo-lhes uma visualidade na colocação da voz nas palavras, com a utilização dos espaços como campos de silêncio ou de reforço, respeitando o sentido estético do recital.

Mahamba

Prémio António Jacinto lançado em Luanda

A obra *Mahamba*, do jovem Oliver Quiteculo, vencedora do prémio Literário António Jacinto, edição 2018, foi apresentada a público no dia 15 de Novembro, em cerimónia no Museu de História Natural, em Luanda.

A obra é constituída por 10 contos, nomeadamente “Cabanda, o Aprendiz”, “Uanga”, “O quarto da avó”, “Bebeca”, “Mulowa”, “Muloji”, “Menino-Homem”, “Lemba” e “Mahamba”.

A obra em causa, de acordo com a prefaciadora, Cláudia Cassoma, é um despertador imprescindível em época de também crise cultural impetuosa.

“Em contos ora clementes, ora mórbidos, Oliver Quiteculo apresenta vários aspectos da identidade cultural angolana e africana. Essa compilação de narrativas folclóricas, pelo jeito ímpar e engajador com que escreve, leva o leitor a reflectir sobre temas que hoje, igualmente por aculturação, tememos considerá-los”, lê-se no prefácio.

A obra aborda as práticas de feitiçaria, tendo como “pano de fundo” as crianças, como se pode ler em ‘Uanga’, uma semelhança às histórias da nossa sociedade em que crianças são enfeitiçadas por rece-

berem comida de pessoas estranhas. Ou ainda como se lê em ‘Cabanda, o aprendiz’, que ficciona o passar de poderes de um Quimbanda a uma criança.

Oliver Quiteculo entrou para as listas literárias por “imposição” do seu progenitor, Fortunato Henrique Quiteculo, que, na altura, levava os filhos a lerem alguns dos livros que possuía na sua livraria. O júri, presidido por Albino Carlos, afirmou que o trabalho vencedor “recria e promove o imaginário tradicional angolano, recuperando o precioso património imaterial.”

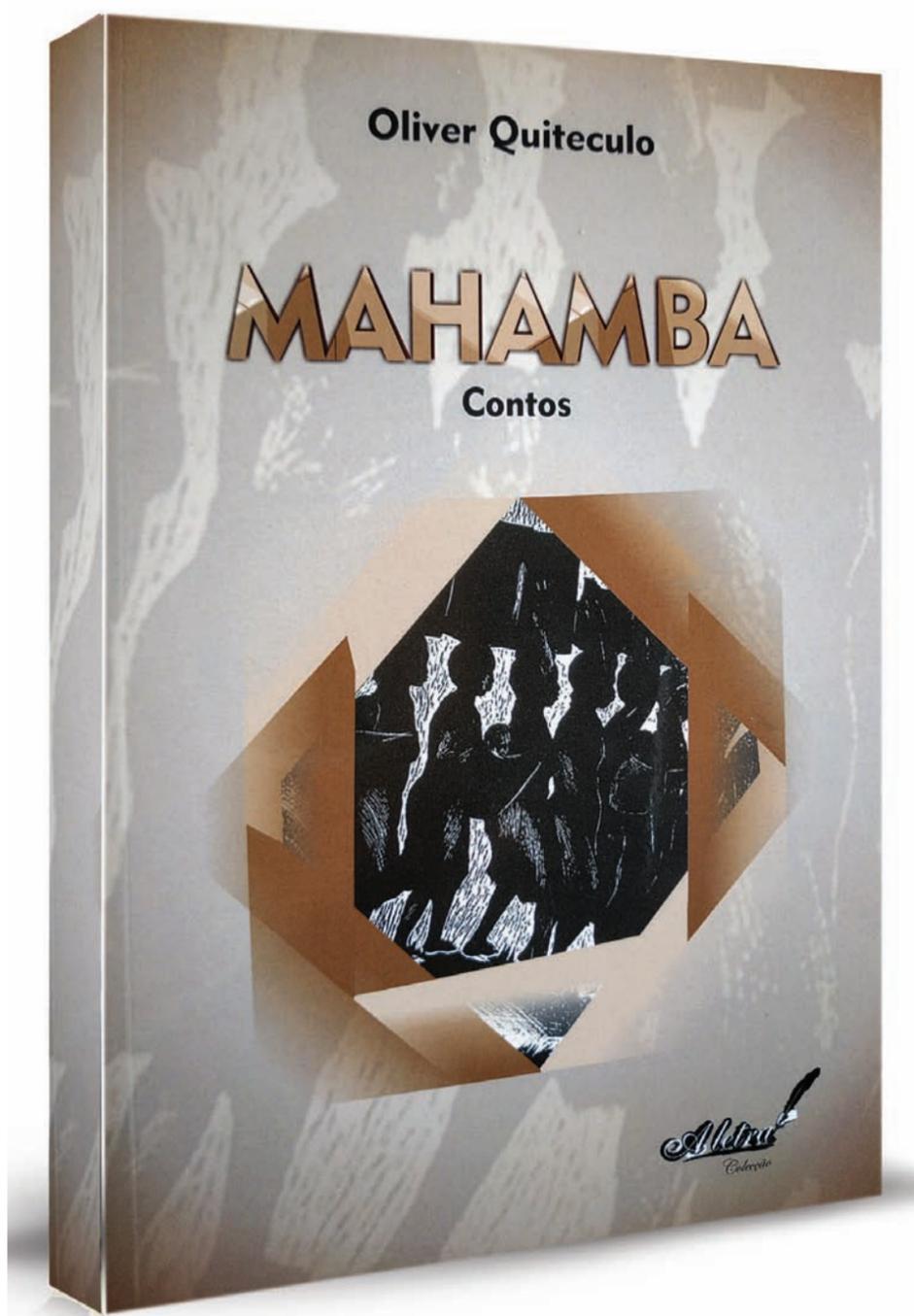
O Prémio Literário António Jacinto, atribuído anualmente, é uma distinção de revelação para trabalhos inéditos que visa incentivar o surgimento de novos autores e novas obras literárias.

O AUTOR

Oliver Quiteculo é natural de Luanda e cresceu mergulhado entre livros e livrarias por imposição paterna.

Cedo, desenvolveu o gosto pelas artes e literatura em especial.

É membro co-fundador da revista Palavra&Arte.



Manuela Venâncio estreia-se com tese sobre A Economia Não-Oficial Urbana em Luanda

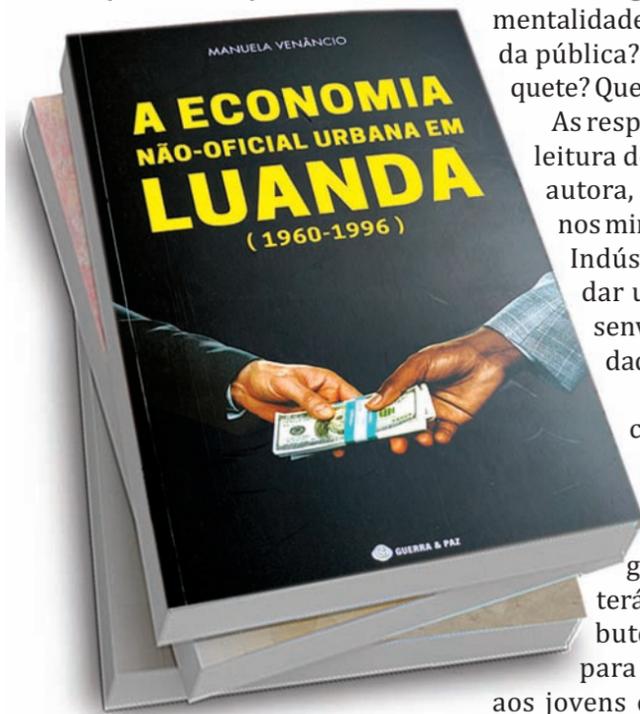


Corrupção, gestão ruínosa da coisa pública, peculato, branqueamento de capitais. A economista Manuela Venâncio analisou os danos causados pela economia paralela em Angola ao longo de quatro décadas.

Em 2014, Angola mergulhou numa crise económica, na qual perdeu a credibilidade dos mercados, viu o kwanza desvalorizar e quase faliu. Tudo isto após um processo de desenvolvimento social e económico, verificado fundamentalmente em Luanda. Que terá acontecido? Qual a razão deste revés?

Décadas de práticas de gestão dano-

sa, causadas pela economia paralela, que trouxeram consequências nefastas para aquele país. É este o mote de *Economia Não-Oficial Urbana em Luanda (1960-1996)*, um estudo le-



do a cabo pela economista Manuela Venâncio para esclarecer dúvidas demasiado antigas que insistem em não ver resposta. Quem é responsável pela crise em Angola? E pela criação de uma mentalidade de desmoralização da vida pública? Quem aproveitou o banquete? Quem ficou com os restos?

As respostas estão à distância da leitura deste estudo, com o qual a autora, antiga técnica superior nos ministérios do Comércio e da Indústria em Angola, pretende dar um contributo para o desenvolvimento e sustentabilidade da economia angolana.

Neste estudo, procura-se compreender melhor as dinâmicas sociais subjacentes à economia subterrânea. Para que Angola se desenvolva, muito terá de mudar. Este é o contributo de Manuela Venâncio para essa mudança. Dirigido aos jovens estudantes que queiram compreender e pesquisar os factores

que contribuíram para esse momento da história angolana e, assim, exercer o seu elevado papel nos esforços de moralização da sociedade.

A AUTORA

Manuela Venâncio nasceu em Luanda em 1962. Licenciada em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto em 1990; mestre em Desenvolvimento Social e Económico em África pelo ISCTE em 1997; e pós-graduada em Gestão pela Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa em 2013. Fez ainda vários cursos avançados na área de gestão de empresas na Universidade Católica Portuguesa, Angola School of Management, Escola de Direcção e Negócios (Portugal) e Kellogg School of Management (EUA). Trabalhou em Angola, como técnica superior no Ministério do Comércio e no Ministério da Indústria, e em Portugal, como assessora financeira em várias empresas.

Ossos do Ofício, de António Ole:

“Os mortos desaparecem, mas renascem na nossa memória.”



António Ole e Teresa Mateus, no Camões

Com a criatividade de “Ossos do Ofício”, António Ole presta uma homenagem à memória dos que já partiram, porque “os mortos desaparecem, mas renascem na nossa memória.”

Nomes como os de Ruy Duarte de Carvalho, Herberto Helder e José Rodrigues constam da homenagem feita pelo artista plástico António Ole, na sua mais recente exposição individual “Ossos do Ofício”, inaugurada dia 27 de Novembro, no Camões, em Luanda, e aberta ao público até ao dia 19 de Janeiro de 2019.

O artista reuniu um conjunto de 50 obras de expressões diversificadas, designadamente de pintura, fotografia e instalação, na grande maioria inéditas, em que faz alusão ao meio século de carreira artística que tem vindo a desenvolver. “É inevitável que, ao chegar a este patamar, mais de cinquenta anos a trabalhar em artes visuais, me ocorra agora rever algumas aventuras recentes, outras mais antigas, embora isso não faça parte da minha praxis habitual.

Detenho-me pouco a olhar para trás”, revela. O artista refere ainda que ao longo do tempo tem encontrado essa ligação íntima entre a realidade e a

matriz poética que lhe dá “alimento”, que lhe dá “cimento”. “A arte, às vezes, também se faz a partir de quase nada, daquilo que se apresenta apenas”, aponta.

O artista disse que, para apresentar essa exposição, foi necessário “um labor criativo que prossegue com o mesmo espírito experimental e literário, pela pintura, pela fotografia, pela escultura e pela instalação que ao longo de um percurso eclético e multidisciplinar de mais de meio século de encantamento e perturbação no mundo da arte”.

Questionado quanto aos demais projectos, o artista disse que existem várias ideias e iniciativas para prossecução dos mesmos, mas estão condicionados face ao momento de recessão económica que o país atravessa de uma maneira geral. Assim como a pintura, projectos ao nível da cinematografia também ficam em “stand by”, pelas mesmas razões, pois, como considerou, o cinema é um produto caro que requer financiamentos, de manei-

ra a que o resultado final seja de qualidade e apreciado pelo público. A directora do espaço, Teresa Mateus, salientou ser uma grande honra e privilégio para o Camões acolher mais uma exposição de António Ole, não só pela excelência no trabalho, mas também, pela elevação e sentido de solidariedade e humanidade que caracteriza o seu perfil pessoal.

António Ole nasceu em Luanda, em 1951. Estudou Cultura Afro-Americana e Cinema na UCLA (University of Califórnia, Los Angeles). É diplomado pelo Center for Advanced Film Studies no American Film Institute, Los Angeles. Foi bolseiro em 1983/84 da Gulf Foundation nos EUA e em 1995/96 do Centro Nacional de Cultura em Lisboa, tendo sido igualmente beneficiário de uma bolsa do Prince Claus Fund, the Hague, Bolsa DAAD, Berlim (Alemanha).

Entre vários trabalhos apresentados, António Ole, tem tido resultados positivos que o levaram a participar

em várias exposições individuais, colectivas bem como tem participações em colecções, assim como na sétima arte o que lhe mereceu prémios nacionais e internacionais com realce para o Prémio Nacional de Cultura e Artes (2004) em Luanda. Estudou Cultura Afro-Americana e Cinema na Ucla (University of Califórnia, Los Angeles). É diplomado pelo Center for Advanced Film Studies, no American Film Institute, Los Angeles.

Os homenageados

Ruy Duarte de Carvalho foi um escritor, cineasta e antropólogo angolano, falecido a 12 de Agosto de 2010. Já Herberto Helder foi um poeta português, nascido no Funchal e que faleceu a 23 de Março de 2015. Ao passo que José Rodrigues notabilizou-se nas artes plásticas, tendo nascido nos bairros dos Coqueiros em Luanda, e faleceu na cidade do Porto (Portugal), a 10 de Setembro de 2016.

Publicidade

CAMPANHA ESPECIAL DE NATAL E ANO NOVO

2 ANÚNCIOS AO PREÇO DE 1

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/12/2018

926 406 929 | 925 134 301 | 923 409 613
 publicidade@jornaldeangola.com
 edicoesnovembro.co.ao

Oferta sujeita à disponibilidade dos jornais

Jornal de Angola | **Desportos** | **Economia & Finanças** | **Cultura** | **LUANDA** | **VENTOS DO SUL** | **PLANALTO**

A pertença universal na Arte “Fisty”



PATRÍCIO
BATSÍKAMA

A utilidade da arte enquanto valor reside na expressividade da linguagem que é detentora, e na mecânica inflexiva das identidades herdadas face a complexa contemporaneidade. Percebe-se que a pintura de Fineza Teta (adiante Fisty) seja uma plataforma da divergência e pluralidade tonal, que ela utiliza como veículo da valorização do seu legado. Legado de uma personalidade nobre; legado de uma identidade plural no concerto da pertença universal.

Somos locais e, ao mesmo tempo, universais. A pertença universal foi orquestrada pelos valores cristãos, indústrias ocidentais, moral europeia ou americana, etc. Desde as independências da África, redimiu-se em acei-

tar os valores não-cristãos, indústrias orientais, moral africana, etc. A proposta cromática da Fisty é sincategoremática a morfológica. Essa proposta cristaliza-se na semântica histórica. Tal é o caso de Mwene Katendi, o valeroso rei Kôngo Dom Pedro V Águas Rosadas. A proposta, também, versa-se na dinâmica sociológica: Yakala (rapaz) e Mulher (mukôngo).

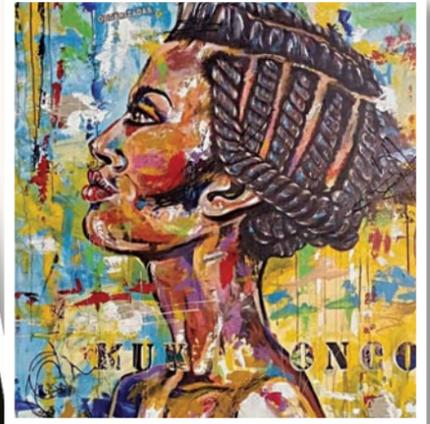
A personalidade mulher mukôngo aqui expressa pela vaidade e pela trança reconstrói a nobreza que ela tem no espaço da decisão. A maternidade simboliza a pluralidade existencial que constrói a sociedade e garante o bem-estar (fertilidade) nos lares. Por isso, a mulher nobre ergue o seu olhar e nutre esperança do progresso (ku ntwâla). Com esta imagem, Fisty ilustra que a pertença universal depende da força que apresentam os aparatos locais, e na capacidade de enfrentar os desafios globalizantes. O mesmo se nota com o Yakala – mwana tôko, jovem bonito – cujo olhar exprime a firmeza e serenidade ao mesmo tempo.

Dom Pedro V Águas Rosadas, o famoso marquês Katendi (antes de ser eleito), representa a resistência. Mas também, a abertura ao mundo. Fisty

pinta com humor, sem tragédia e com um sorriso menos enganador.

As três pinturas podem, enquanto linguagens, espelhar a trama psicografológica de Fisty. A pluralidade

desta pertença pode coincidir com o poliglotismo da pintora, o que lhe oferece a capacidade de visionar a competição e o mérito como duas faces da moeda da contemporaneidade.



Mulher mukongo



Yakala

Laritzza Sebastião: uma vida dedicada à dança

Omês de Novembro de 2018 foi um dos piores para as artes angolanas. Muitos dos seus “filhos” morreram. As perdas não foram limitadas apenas a literatura. A dança também perdeu um dos seus fazedores. Embora seja uma arte com pouca divulgação, Laritzza Sebastião foi um dos nomes que muito lutou para dar um maior alento a este estilo.

A artista, que residia em Benguela, no Condomínio Bango-Bango, trabalhou por anos, em prol de uma arte pouco divulgada, a dança. O seu trabalho começou desde cedo.

A sua formação começou em Luanda, na escola 200, no Bairro Hoji Ya Henda. Depois passou por várias instituições de ensino da capital e frequentou o primeiro ano da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica de Angola.

Em 2010 concluiu a sua pós-graduação em Técnica Yoruba Cubana (Danças Folclóricas Cubanas de procedência nigeriana), pela Escola Nacional de Arte de Cuba e um ano depois terminou uma outra pós-graduação em Bailes Sociais ou Danças de Salão cubanas, pela Faculdade de Dança do Instituto Superior de Arte (ISA), em Cuba.

Ao longo do ano de 2011, concluiu também uma pós-graduação em Estudos Semióticos, pelo Centro de Desenvolvimento Científico Pedagógico da

Faculdade de Ciências Pedagógicas da Universidade Enrique José Varona, assim como uma licenciatura na especialidade de Danças Folclóricas ou Populares Tradicionais no Instituto Superior de Arte de Havana, República de Cuba, tendo-se graduado como bailarina, professora, coreógrafa, crítica, investigadora e historiadora em danças folclóricas ou populares tradicionais, cotemporânea e de iniciação ao ballet;

Além da sua formação académica frequentou as aulas de piano na Escola de Música, do Instituto Nacional de Formação Artística, actual Direcção Nacional de Formação Artística, assim como de teatro na Companhia Elinga Teatro, em Luanda. Na sua carreira profissional despontam a colaboração com a Direcção Nacional de Formação Artística do Ministério da Cultura e com a Escola de Artes do Bengo, como Professora de Danças Folclóricas, em 2017.

A artista também já trabalhou com a Companhia de Bailado Minessa, em Luanda, onde desenvolveu a sua paixão e vocação pela dança, tendo ascendido ao escalão de Bailarina Principal e participado em diversos eventos culturais e representações artísticas de dança no país e no estrangeiro. Participou ainda como professora e bailarina do projecto do Grupo de Dança Popu-

lar Tradicional Kussangu-luka.

Durante a sua estadia em Cuba, integrou a Companhia ISA Dança, tendo tido participação marcante no Arte Dançário

e outras actividades organizadas pela Universidade e pela Embaixada de Angola. Em 2018 fundou a sua escola de dança, tendo arrancado com o projecto de dança zumba, salsa e danças tradicionais, instalada em instalações provisórias no Bairro da Luz, no Lobito, Benguela.



Dose tripla de humor marca 6.º aniversário do Goz'Aqui

RÚBIO PRAIA

Dentro de 23 dias encerra a temporada de humor promovida pela equipa "Goz'Aqui". A apresentação inédita do noticiário satírico "Sopa Saber", ao vivo, na última semana de Novembro na Casa de Cultura Brasil-Angola, bem como espectáculos como "Os 5 elementos", "O Quarto Poder", "Santíssima Trindade" entre outras propostas arrojadas marcaram a agenda de milhares de pessoas. Há objectivos maiores. Um deles é "saltar" para a TV porque conteúdos há e recomendam-se, mas para já há "Estupidez" e a sessão especial do GozaTV com Guelmo Cruz e Sarchel Necésio.

O artista Orlando Capata, na qualidade de melhor humorista de 2018 em Angola, realiza o espectáculo a solo denominado "Estupidez", no dia 27 de Dezembro deste ano, o último da temporada 2018, na Casa de Cultura Njinga a Mbande, às 19 horas, no bairro Nelito Soares, em Luanda, sendo certo que, no mesmo palco, para o GozaTV, após a actuação de Capata, serão entrevistados os comentadores Guelmo Cruz e Sarchel Necésio, avançou ao Cultura o CEO da plataforma cultural GozAqui, Tiago Costa.

De salientar que, esta é a derradeira oportunidade à disposição do público para apreciar stand up comedy com a plástica característica das apresentações de Capata, luandense de 33 anos, natural do bairro Prenda, num evento que será aberto por Nelson Vemba, finalista vencido da eliminatória que consagrou o também actor e encenador da peça teatral "Quem apagou a luz?".

Ex-estudante do curso de teatro no antigo Instituto Nacional de Formação Artística, INFA, o melhor humorista do ano tem uma trajetória artística de 20 anos, sendo conhecido também como pianista e professor de canto.

"Em 1998 montava peças teatrais na escola Ngola Kanini. Como actor iniciei em 2000 no grupo teatral "Twa Futuka". Sou, igualmente, um dos membros fundadores do grupo teatral "TPK", mas de facto, comecei escrevendo histórias, devo ressaltar, no entanto, que foi no teatro que notei ter um sentido de humor diferente", explicou Orlando Capata ao Cultura.

3.ª edição do Festival Nacional de Humor

Nos dias 28, 29 e 30 de Novembro, a equipa do Goz'Aqui, realizou três actividades culturais no segmento humorístico que conferem outra qualidade aos eventos artísticos em Luanda.

O primeiro, denominado "O Português Angolano", espectáculo a solo de Orlando Capata, teve lugar no Centro



O melhor humorista do ano, Orlando Capata



Nelson Vemba e Capata em dueto

Cultural Português iniciou a trilogia de actividades de carácter humorístico como tem sido hábito desde o início do ano. No segundo dia, a Casa da Cultura Njinga a Mbande acolheu a final da eliminatória "Eu e tu contra nós os 2", na qual 17 humoristas foram mensalmente sendo "excluídos", dentre os quais Ladilson, Wazemba, Scatt Bor-

rabéu, Maestro, Agente Formiga e outros mais. No derradeiro dia de espectáculo, ou seja, no dia 29, a dose tripla de humor conheceu o seu desfecho com a realização da 3.ª edição do Festival Nacional de Humor, com a participação do artista angolano radicado na Namíbia Fernando Ta Fish, que faz as suas piadas a nível interna-

cional na língua inglesa e tem sido bem referenciado pela crítica. Pisaram igualmente o palco da Casa de Cultura Njinga a Mbande Kifua-Kiamy, Simião, Cassola, Rafa, Cólua, Bondoso, Arroz Doce, Ladilson, Artur Pop, Laureth Marques, Patty Metralhadora, Dange, Scatt Borrabéu, Wazemba, Maestro, Nelson Vemba e Orlando Capata.



Público



Tiago Costa, CEO do GozAqui

Goz'Aqui na TV e "Sopa Saber" ao vivo

No final do noticiário satírico "Sopa Saber" ao vivo, que teve lugar na Casa de Cultura Brasil-Angola, no dia 23 de Novembro, Tiago Costa fez saber que, a partir de 2019 Orlando Capata integra a supracitada equipa, juntando-se ao elenco constituído por Ladilson Manuel, Maestro, Renata Torres e o próprio Tiago Costa ou "TC".

Para 2019 as expectativas não se resumem somente ao Sopa Saber, mas estendem-se para o mundo do entretenimento o que faz com que Tiago Costa aspire chegar à televisão. No entanto há pequenos constrangimentos.

"Temos conteúdos para TV que são pagos em euros e como sabe, temos problemas com esta moeda. Existem muitos conteúdos que estão na TV e lá não deviam estar e depois temos material para televisão produzidos por nós, angolanos, que se enquadra no contexto actual e que não estão na TV", ou referiu Tiago Costa.

O CEO da Goz'Aqui declarou que está aberto a trabalhar para televisão, desde que os seus conteúdos sejam respeitados, nem que, para o efeito, haja emissão da meia-noite às 06h00, com a bolinha vermelha no

canto superior direito do ecrã, o que significa serem conteúdos que afetam "públicos vulneráveis".

Após a celebração do 6.º aniversário a nova temporada do Goz'Aqui é ponto assente em 2019, sempre no espírito do humor político, piadas de mãe, várias paródias e desafios one-one como foi, por exemplo entre os finalistas Vemba e Capata no dia 29 de Novembro, a garantia é uma constante como os discursos de Tiago Costa diz ao fechar os noticiários Sopa Saber: "A luta é contínua, a vitória um dia a gente acerta".

PANORAMA

Mónica de Miranda: respiração das coisas (domiciliares) abandonadas

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

I. FOTOGRAFIA

Imagens sem sentido aparente, a cidade é menina, é navio, é hotel abandonado (alma? de quem? também se abandona uma alma?), é janela de Sol bebendo por um vaso, apartamento sem sonhos nas gavetas, frinchas por onde a luz nos diz qualquer coisa.

Respiração abdominal em roupa interior, janela provisória, cadeira de inesperadas esperas, permanecer num quarto com vista para Deus, não me deixes a tua merca, ó indústria (logográfica) nesta caixa de ressonâncias, ó porta demorada, armário de casa de banho enferrujado sobre parede assassinada.

Sala do outro mundo com mesa e 2 cadeiras socráticas (na sua maiêutica).

Cama com espelho redondo de filme apocalíptico.

Cama com AC de hospício.

Mangueira sem mangas, dona de uma casa.

Casa gémea de antiguidades.

Casa sem ninguém com árvores.

Casa parecida com a que vi em Malanje do pós-guerra.

Quando não há palavras, as plantas falam, de olhos fechados como duas gémeas mudas vestidas de preto.

Like a candle in the wind: floresta.

Kalandula em cadafalso: dependurada de um fio de emoções.

II. GRANDES IMAGENS

Tecto do Mundo humanizado pelo ballet do pensamento e da alma

Cine Karl Marx. Estúdio para ambiguidade antropofitogenética, sinestesia floromórfica, meteorologia de sensações a desaguar numa recordação de peixes.

III. SOM

A música preenche a oficina da natureza morta.

Um anjo negro em trajes alvos desce a espiral do abandono.

Eis a capital de um país descapitalizado, cuja única riqueza é a flor das coisas e a florescência da juventude.

Esse som de fundo pode ser alguém a jogar basquete, ou a despedir-se desta vitadura.

IV. VÍDEO

A respiração das coisas (domiciliares) abandonadas pede à beleza de uma mulher jovem que por ali passa, um concerto de violinos, um grafito num vão de escada, uma insinuação de ballet.



Mónica de Miranda



Duetos N Avenida e o Show do Mês

Zona Jovem e Nova Energia dividem as atenções



ANALTINO SANTOS

Se, no passado sábado (24 de Novembro), a Casa 70 recebeu a terceira proposta do Projecto Duetos N Avenida, desta feita uma dupla feminina, Edmazia Mayembe e Bruna Tatiana, vozes que movimentam um público jovem e amante das tendências mais contemporâneas, para o fecho a juventude, que arrancou com o conceito das parcerias em palco, fecha com dois dos mais profícuos continuadores da rítmica angolana de "Raiz", mas também dos mais abertos aos sons doutras paragens, uns autênticos "camaleões da moderna música feita por angolanos".

Ao juntar para o fim, Yuri da Cunha e Paulo Flores, a Zona Jovem pretende oferecer um encontro inesquecível entre dois dos actuais embaixadores do semba angolano, segundo Figueira Ginga. Pela versatilidade dos mesmos participações que vão desta geração mais conservadora à mais aberta, não haverá surpresa se vibes de Hip-Hop, Kuduro, Naija, Housee outros sons animaremos três noites, que os amantes do Semba e Kizomba sabem que dominarão os espectáculos.

Os dois kandengues atrevidos

Paulo Flores para os kandengues de profissão, Ti Paulito, artista que não obstante fazer dançar bajús com makalakatus e abrilhantar na toca dos lobos, parece que não é desta que volta a tocar para o grande público, como previsto para o Marco Histórico 4 de Fevereiro.

Um ano depois de ter apresentado ao vivo o álbum Kandongueiro Voador, no Centro de Conferências de Belas e no Palácio Presidencial, antes da última passagem pela Casa 70 (14, 15 e 16 de Junho) e no Show do Mês e semanas depois de cantar numa cerimónia oficial oferecida pelo Governo Português à comitiva Presidencial e a outras entidades em território luso, Luanda acolherá o jovem que aos 17 anos começou a dar nas vistas com "Cherry" do LP "Kapuete Kamundana".

Nascido no Cazenga em 1972, com quase 30 anos de carreira, encontramos na sua discografia: "Kapuete Kamundana", "Sassassa", "Coração Far-



Bruna e Edmazia

rapo", "Cherry", "Brincadeira Tem Hora", "Inocente", "Perto do Fim", "Recompasso", "The Best", "Xe, Povo", "Quintal do Semba", "Ao Vivo", "Ex Combatentes", "O País Que Viu Nascer Meu Pai", "Bolo de Aniversário" e "Kandongueiro Voador". Também tem obras dispersas em várias compilações e colaborações em projectos de artistas nacionais e internacionais. Considerado como um dos maiores cronistas sociais da realidade angolana, chegando ao ponto de algumas músicas beliscarem o status quo, de modo não oficial. Sucessos como "Makalakatu", "Inocente", "Sr Polícia", "O País Que Viu Nascer Meu Pai" e "Trabalho" ilustram este lado. Os dois concertos no Estádio dos Coqueiros em 2011 e 2014 que reuniram mais 22 mil pessoas provam a popularidade deste artista que já foi vencedor do troféu mais antigo de premiação dos músicos, nacionais, o Top dos Mais Queridos, em 2011.

Yuri da Cunha, um autêntico showman, também já foi coroado pelo Top dos Mais Queridos 2009 e 2015. Forjou-se na canção infantil, com o sucesso "Amigo" e estreou-se com o álbum "É tudo Amor", de 1999. Com "Makuma", em 2004, arrebatou o Top Rádio Luanda, estação que, volvidos 4 anos, premeia-ona categoria Kianda do Sucesso fruto dos grandes concertos que foi realizando em Angola e no exterior. A participação na tournée do italiano Eros Ramazzotti levou-o a grandes palcos e aproximou-o da multinacional Sony Music.

O actual Mr. Pulugunza tem grande preocupação com o Semba que literalmente caçumbulou parte dos integrantes que acompanhava uma das suas grandes referências, Bonga Kwenda, ficando com Lito Graça, Carli-

tos Chiamba e Chalana Dantas, caso para afirmar e como cantou "Obrigado, Kota Bonga. Yuri da Cunha esteve no concerto para sentir o conceito e ver que temas do Paulo Flores irá escolher e de certeza que não ficará Gago na interpretação.

Quando o erro é bom, porque eu sou assim...

Autoras dos hits "Erro Bom" e "Eu Sou Assim", vozes femininas tiveram a responsabilidade de actuar como chamariz da dupla para encerrar a temporada de Duetos N Avenida. Edmazia Mayembe, uma voz com uma forte margem de progressão da música angolana e Bruna Tatiana, artista com alguma tarimba que, depois de despontar no Rap, Soul, Dance e outros sons yanques, tem feito a travessia pelos sons mais angolanos, como a Kizomba e outras vibes.

No concerto do dia 24 de Novembro, apenas se ouviram vozes femininas. A também artista plástica Clara Monteiro foi a convidada da noite. O seu "Volta", um slow à moda antiga, foi apresentado a uma plateia jovem, mas teve o sabor do recado para que os novos e actuais promotores fiquem atentos às mulheres que, no passado, contra todos os preconceitos, soltaram as suas vozes na música angolana. A antiga funcionária da então Secretária de Estado da Cultura que de responsável da missão na República Federal da Nigéria, da Orquestra Interpalanca de Matadidi Mário, transitou para corista, concluiu a sua participação com "Angola Tropical".

As duas jovens, apesar do esforço em palco e de uma certa qualidade, demonstraram que devem trabalhar mais para as performances ao vivo, que nem sempre é apenas tentar re-

produzir os registos dos discos, inovação e atitude.

"Erro Bom", de Edmazia e "Eu Falhei", de Bruna Tatiana, temas de aberturas do concerto, demonstraram que as artistas estavam preparadas.

Acompanhadas por Apolinário na bateria, Rendy Gouveia na viola baixo, Carson Maculve, guitarra solo, enquanto nos teclados Bernardino Macanzo e Graciano Pedro, instrumentistas angolanos e moçambicanos da Banda Mozangola, contaram com o reforço dos percussionistas cubanos, Jorge Javier e Yasmane Santos e os coros de Rosa Aires e Ernestina Sanda para que a viagem em torno de 25 temas, durasse cerca de duas horas e meia.

Para o fecho escolheram sons que marcam um passado com "Eu Sou Assim" e "Donde Está La Fiesta" que notabilizaram Bruna Tatiana no music-hall angolano, "Meu Herói" e "Alma Nua", hits mais recentes na voz de Edmazia carimbaram as mamoi-tes da zona, com produção investida nos guarda-roupas.



Matias Damásio

Edmazia, com "Amor Yame", mostrou a sua veia em temas mais suaves, presentes em "Borboleta", "Um Sol para cada Dia", cartões de visita de Bruna Tatiana. Já a lobitanga com "Amo-te, Nosso Momento, "É só bó", que no

concerto resultou num dueto com Edmázia trouxe um outro que começou a cimentar em *Meu Lado Zouk* de 1999, uma maré que a cantora da Clé navega bem, consumidos em sucessos como “Verdadeiro Amor”, “Vou Assumir”, “Moça Séria”, dentre outros.

Bruna Tatiana, cantora e compositora fortemente ligada ao Hip-hop, colaborando com o grupo SSP, no início da carreira, tem álbuns como “Meu Lado Zouk”, “Bruna”, “Butterfly Eleven” e “I Am” onde mostra a sua versatilidade e aposta também em composições em inglês com o foco numa maior projecção internacional.

Edmázia é uma das mais sonantes vozes da nova geração, iniciada na Igreja com a Nadua Mayembe, irmã mais velha, que continua no Gospel. No início da carreira, cruzou-se com Totó, mais tarde Anselmo Ralph e Matias Damásio apostaram no seu talento, depois de várias participações com Heavy C, Kalibrados, Génesis, dentre outros. Os sucessos e reconhecimento do público levaram-na a Clé Entertainment, uma produtora que tem apostado em artistas jovens. Das conquistas, encontramos Melhor Voz Feminina e Melhor Balada (Top Rádio Luanda) e Melhor Voz Feminina no Moda Luanda, no-

meações do Top dos Mais Queridos, várias categorias do AMA e este ano deu o seu primeiro grande concerto, no Cine Atlântico.

Waldemar Bastos

Outra proposta para o próximo show é a presença de Waldemar Bastos para um outro encerramento, o da V Temporada do Show do Mês. O artista regressa para concertos em Angola, depois da participação pública, que aconteceu no âmbito do Fenacult de 2014.



Paulo Flores

Num momento ímpar da sua carreira, com a mais elevada distinção, ao ser galardoado com o Prémio Nacional de Cultura e Artes de

2018, as duas noites servirão com certeza para manifestar publicamente o seu reconhecimento aos admiradores, depois de o ter feito nas redes sociais.

Se, em “Margarida”, o cantor fala do fim da guerra, este concerto pode marcar o início de concertos regulares do artista ao país, longe das intrigas que os curibotas cantados pelo artista faziam no passado recente.

Nova Energia e Matias Damásio seguem em frente

A Nova Energia com os dois concertos de Waldemar Bastos fecha em grande a V Temporada do Show do Mês, depois da não realização dos dois concertos de Matias Damásio. O artista que no passado fim-de-semana encheu o Arena Altiça em Lisboa, e tal como a música que conquistou os portugueses, “Louco”, deixou literalmente loucos os presentes. Como de loucos todos temos um pouco e estando em Dezembro, época de paz e harmonia, fazemos votos que estas duas marcas busquem uma reconciliação e entrem no espírito.

Escola ao Lado de RITA GT

Artista portuguesa Rita GT apresentou-se novamente em Angola, no passado dia 23 de Novembro, com uma exposição individual na MOVART: Escola ao Lado, um projecto itinerante que teve início em Londres e chega agora a capital angolana.

Escola ao Lado surge através de uma série composta em lições itinerantes que desafiam e suscitam, ao mesmo tempo, esquemas de aprendizagem sobre o presente vernáculo. Com curadoria da investigadora Ana Cristina Cachola, o objectivo do projecto é desconstruir as hierarquias no dispositivo escolar e questionar a rigidez dos modelos actuais de produção e circulação do conhecimento. Performativa, expositiva, interventiva e recreativa: nesta “sua” escola, a estrutura de participação é horizontal, sem existência de hierarquias nem papéis fixos – o conhecimento constrói-se e está em aberto.

Lição n2 só bumba na Chicala

“Só bumba na Chicala” é a lição número dois da série, e tal como tem vindo a ser habitual no percurso da artista, a exposição conta com a colaboração de outros artistas, neste caso, a escola informal do artista angolano Nelo Teixeira.

As transformações do Bairro da Chicala 2, onde Nelo Teixeira vive e trabalha, a herança do povo Axilunda, a vivência do público e do privado, são algumas das questões em foco – e em discurso directo, como realça a curadora Ana Cristina Cachola. “Nesta escola, todas as vozes são ouvidas”.



Rita GT interventiva

Além do conjunto de obras que vão estar em exposição e que foram criadas pela artista durante um período de trabalho na Chicala, a lição “Só bumba na Chicala” vai incluir também um diversificado e inusitado programa de aulas/performances de poesia, carpintaria e kuduro.

O poeta e escritor José Luís Mendonça declamou o poema *Pode Ser que o Mundo se Acabe na Semana que Vem*, seguido da jovem artista Indira Grande, o Movimento Levante, o grupo de intervenção social Jovem Mwangolê, entre outros.

A exposição ficará aberta ao público de 23 de Novembro a 31 de Janeiro de 2019.

RITA GT BIO

Nascida no Porto (1980), a artista reside e trabalha há vários anos entre Viana do Castelo e Luanda. Licenciada

em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, tem, no currículo, dezenas de exposições individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro, e é internacionalmente uma das mais destacadas artistas portuguesas a reflectir sobre os temas da identidade e memória, género e colonialismo.

Entre outros, foi a co-fundadora do colectivo e.studio Luanda, recebeu, em 2013, a bolsa Moving Africa atribuído pelo Goethe Institut, através da Wits University, em Joanesburgo, na África do Sul, e foi comissária do Pavilhão de Angola na Bienal de Veneza, em 2015, com curadoria de António Ole. Em 2017 foi uma das artistas não-africanas, e a única de Portugal, convidada a expor na 1ª Bienal de Lagos, na Nigéria. Nas suas obras, trabalha principalmente com cerâmica, instalação, performance, vídeo e fotografia e os seus trabalhos são descritos frequentemente como interventivos, subversivos e inconformistas.



Um ângulo da exposição

ENCOMENDADO POR EMMANUEL MACRON

Relatório recomenda restituição de obras de arte africana e gera debate

GASPAR MICOLO

A restituição de obras de arte africana, tomadas pela França na época das colonizações, está a gerar polémica depois de a historiadora de arte francesa Bénédicte Savoy e o economista senegalês Felwine Sarr, terem apresentado a obra "Restituer le patrimoine africain", fruto do relatório encomendado por Emmanuel Macron, com o objectivo de restituir o acervo saqueado.

Nas últimas semanas de Novembro, antes da sua publicação em livro, os jornais franceses obtiveram o relatório que já foi entregue ao Presidente francês. O diário "Libération", por exemplo, que o obteve em primeira mão, destacou que o relatório propõe a modificação das leis sobre o património francês, considerando uma etapa essencial para que milhares de peças e documentos importantes sobre a história e a cultura da África sejam devolvidos a seus países de origem.

O jornal Libération pôde consultar as imensas listas que detalham os itens que a França pretende devolver às nações africanas: são milhares de jóias, máscaras, estátuas e objectos nativos sagrados, classificados por país e reunidos num documento de 40 volumes.

O jornal Cultura apurou que o documento é de 250 páginas, mas a sua edição em livro ficou-se pelas 188 páginas, e, na sua parte final, recomenda "um acordo bilateral entre o Estado Francês e cada Estado africano em questão" que prevê, como uma excepção ao Código Geral de Propriedade de Propriedade Pública e do Código do Património, o retorno de bens cultu-



Felwine Sarr e Bénédicte Savoy

rais, incluindo objectos de colecções de museus, retirados do seu território original durante o período colonial".

Esvaziar os museus europeus

"Não há dúvida, nem para nós nem para os nossos colegas africanos, de esvaziar museus franceses ou europeus para encher os africanos", diz Bénédicte Savoy ao New York Times, que também

obteve uma cópia do relatório.

O objectivo é cumprir a promessa do presidente francês, Emmanuel Macron, que, no ano passado, em viagem pelo continente africano, declarou que iria restituir o património saqueado pelos franceses na época da colonização.

Durante oito meses, especialistas se dedicaram a listar todos os tesouros africanos na França. O trabalho aponta que cerca de 90% do património africano está actualmente fora dos seus países de origem, um desequilíbrio que intelectuais e políticos da África reclamam há anos que seja corrigido. A França está em posse de 90 mil itens africanos, a maioria conservada no Museu do Quai Branly (ou Museu das Artes e Civilizações da África, Ásia, Oceânia e Américas), fundado pelo então presidente Jacques Chirac, em 2006.

A reportagem detalha um verdadeiro sistema de apropriação, principalmente na África subsaariana, entre 1885 e 1960: cerca de 46 mil objectos. Um dos grandes obstáculos da restituição, no entanto, será a lei francesa, que impede que esses itens deixem os museus onde integram as colecções nacionais. Por isso, os especialistas irão propor ao governo a modificação do Código do Património francês, destaca o Libération.

Na França, o assunto também divide: várias vezes começam a elevar-se contra as restituições. "O que vai restar nos museus franceses?", pergunta a revista Le Point. A publicação destaca que vários dos objectos que serão restituídos foram também comprados por negociantes franceses de obras de arte, embora próprio o relatório elaborado pelos especialistas destaque que raramente o preço pago por esses objectos era justo.

Em editorial, o Libération diz: "Vamos inverter a situação: o que diriam os franceses se, no passado, milhares de obras nos tivessem sido roubadas sem que a restituição delas não pudesse nem mesmo ser debatida?".

Para o diário, quem protesta contra "este acto de justiça" são nostálgicos da era colonial. "Os mesmos que defendem agressivamente a 'identidade cultural francesa' são aqueles que se opõem que outros possam recuperar uma parte daquilo que lhes foi arrancado à força", conclui.



Achille Mbembe no museu Dapper, em Paris



IPPE REY | SEUIL

Achille Mbembe fala em "reinvenção de relação com a África"

Cientista político, historiador e professor da conceituada Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo (África do Sul), Achille Mbembe é o autor de Políticas de Inimizades e Crítica da Razão Negra, ambas traduzidas pela jornalista Marta Lança. Chamado a analisar a questão pelo jornal "Le Monde", o académico acredita ter chegado a hora de fechar uma sequência histórica com o retorno das obras

de herança africana, porque o continente, em plena ebulição cultural e intelectual, se tornou um dos centros de gravidade do mundo. "A restituição de obras é uma oportunidade para a França reparar e reinventar sua relação com a África", diz Achille Mbembe. "As recomendações são honestas, razoáveis e realistas. Ao mesmo tempo, exortam as pessoas a sair da negação e da complacência".

Nigéria recupera colecção histórica

Mais de um século depois de soldados britânicos terem saqueado uma colecção de artefactos inestimáveis do Reino de Benin, alguns dos bronzes regressam agora a Nigéria. Um acordo foi acertado no mês passado pelo Benim Dialogue Group (BDG) para que "algumas das peças mais emblemáticas" da colecção histórica retornassem temporariamente para formar uma exposição no novo Museu Real de Benin, no Estado de Edo, dentro de três anos".

Mais de 1.000 de bronzes são vistos em museus em toda a Europa, com a colecção mais valiosa do Museu Britânico em Londres. O governo nigeriano tem exigindo o seu retorno desde que o país conquistou a independência em 1960. O acordo representa um avanço para o BDG, formado em 2007 para atender a pedidos de restituição.

Entretanto, acredita-se que o exemplo da França aumentará a pressão sobre os museus em toda a Europa, que vem se desenvolvendo em várias frentes. Grupos de campanha de base dentro dos países europeus estão a exigir a restituição, como na Alemanha, onde 40 organizações assinaram recentemente uma carta pedindo o retorno de artefactos históricos. A carta levou as instituições alemãs a realizar inventários das suas colecções para determinar quais itens foram adquiridos ilicitamente.

Há também um reconhecimento crescente da validade das reivindicações de restituição de uma nova geração de líderes políticos. O líder do Partido Trabalhista do Reino Unido, Jeremy Corbyn, disse que, se eleito, o seu governo estaria disposto a discutir o retorno de "qualquer coisa roubada ou tirada de posse privada ou colonial".

Vários coleccionadores privados influentes também tomaram o lado dos pretendentes africanos, como o cidadão britânico Mark Walker, que devolveu voluntariamente um conjunto de bronzes do Benim subtraídos pelo seu avô.



Imagem do deus Gu, do antigo Reino do Daomé, levada para Europa no período colonial

Maria Eugénia Neto: "Dama Real" Pan-africana

Maria Eugénia Neto, viúva do primeiro Presidente de Angola, Agostinho Neto, recebeu dia 15 de Novembro, em Luanda, o certificado do título de "Princesa e Dama Real do Pan-africanismo da Casa do Solar", pelo traba-

lho que tem vindo a desenvolver em prol da mudança de consciência, não só em Angola, mas também no mundo.

Maria Eugénia Neto recebeu o certificado das mãos da embaixadora da

"Lift Effects" em Angola, Vanda Freire, na sede da Fundação António Agostinho Neto.

Na ocasião, Marta dos Santos, da organização, frisou que a homenagem é o resultado do trabalho e dedicação no sentido de tornar Angola num país melhor.

O certificado foi assinado pelas princesas Moradeun Adedoyin-Solarin e Toyin Onagorwa.

A "Lift Effects" é uma organização mundial, com sede em Londres, que todos os anos distingue personalidades ligadas a grandes causas. Depois dessa distinção, Maria Eugénia Neto deve ser tratada como uma princesa Pan-africana do século XXI da linhagem real.

cana do século XXI da linhagem real.

Em cada país onde existirem membros do Pan-africanismo, Maria Eugénia Neto vai ser recebida como uma grande dama deste grande movimento de consciência negra.

Para a distinção, explicou Marta dos Santos, os candidatos devem ter os seus trabalhos reconhecidos nos seus países de origem e além fronteiras.

Maria Eugénia Neto sublinhou que se sente honrada e agradecida pelo esforço que tem desempenhado durante toda a sua vida. A distinção, disse, é um reconhecimento pelo seu "sacrifício e abnegação".

De recordar que a Lift Effects já havia distinguido Maria Eugénia Neto no dia 13 de Maio. Esta distinção ocorreu integrada num grupo de vinte e duas mulheres nacionais que têm se engajado em projectos solidários.

A gala de premiação Lift Effects começou há cinco anos no Reino Unido e esta é a segunda edição realizada em Angola. A primeira aconteceu em 2017.



Legado de uma geração

Morreu Stan Lee, o criador de heróis

ADRIANO DE MELO

A banda desenhada mundial ficou mais pobre. Morreu Stan Lee, o criador de heróis. A América do Norte já chorou a sua morte, ocorrida no dia 12 de Novembro. Agora resta ao mundo mostrar a falta que um dos ícones da cultura pop vai deixar, assim como já o fizeram antes nomes como Walt Disney, Hergé, com “Tintim”, ou Albert Uderzo, em “Asterix”.

Mas quem vai deixar mais saudades é o criador de universos: Stan Lee. Dos seus escritos nasceram heróis que marcaram e ainda o fazem toda uma geração. É um legado que com certeza prevalecerá por anos. Mesmo com o “boom” de novos estilos como os mangás japoneses no mercado da banda desenhada mundial, o “universo” de Stan Lee prevaleceu e venceu, em parte graças as novas tecnologias e a chegada (em grande) dos heróis no cinema.

A pergunta que fica é: o que o difere dos outros argumentistas e desenhadores da sua época que também criaram heróis? A resposta (em especial aos aficionados pela banda desenhada) é humanismo. Stan Lee deu aos seus leitores heróis humanos, com problemas comuns, como qualquer um de nós. Quando personagens como “Homem-Aranha” surgiu o público teve de se acostumar a um super-herói franzino (sem os habituais músculos) e cheio de problemas, que vivia dividido entre a escola e a vida de herói. Era como qualquer um de nós.

Esta humanização ajudou a ver as personagens da Marvel, estúdio em que trabalhou e ajudou a tornar-se numa marca de referência mundial no “universo” da banda desenhada, como pessoas próximas a nós. O público e a crítica na altura reagiram favoravelmente e tornaram estes heróis uma parte da cultura pop que até hoje prevalece.

Esta aceitação, que agora tem uma legião de fãs graças a projecção que ganhou nos cinemas, também se tornou numa forma de passar uma mensagem positiva aos seus leitores, criando a possibilidade de ensinar valores aos jovens. Através das suas personagens as suas mensagens ganharam vida e se tornaram referências. Uma das frases de Stan Lee que se tornou num adágio popular é usada pela personagem “Homem-Aranha” e hoje por quase todos: “Com grande poder vem grande responsabilidade”.

Como leitor essa frase sempre teve muita importância, embora não saiba se na altura para o seu criador teve tal impacto, afinal, como contou uma vez em entrevista, “Eu nunca pensei que o Homem-Aranha fosse se tornar o ícone mundial que ele é. Eu só esperava que os livros vendessem para eu manter o emprego”. Chega até a ser hilário. Mas assim era o criador de

heróis, que depois de muito a viver por trás das suas personagens, começou a fazer pequenas participações nos filmes da Marvel.

“Eu costumava ficar envergonhado porque era apenas um escritor de histórias em banda desenhada, enquanto outras pessoas estavam a construir pontes ou ir para carreiras médicas. E então comecei a perceber: o entretenimento é uma das coisas mais importantes na vida das pessoas. Sem isso, eles não conseguem sair do fundo do poço. Acho que, se você é capaz de entreter as pessoas, você está a fazer uma coisa boa”, disse em 2010, numa entrevista ao “The Washington Post”.

Neste seu estilo característico, Stan Lee deu muitas alegrias aos seus leitores. Embora as suas personagens fossem muito humanas e cheias de problemas, mesmo sendo heróis, ele mostrou a todos que é possível superar as adversidades da vida e, às vezes, com uma boa dose de humor.

“É um tremendo desafio, porque muitos personagens têm sido criados ao longo dos anos. Toda vez que você pensa que consegue um ótimo nome, descobre que alguém já fez isso. Sonhar com histórias não é tão difícil. Criar um bom título é a parte mais difícil”, confessou uma vez em 2012 numa entrevista a revista “Esquire”.

Agora, com a sua morte, aos 95 anos de idade, a Marvel perde um dos seus quadros de destaque e o mundo perde um “entertainer da vida”. “Meu pai amou todos seus fãs. Ele era o melhor homem e o mais decente”, comentou a filha do editor, Joan Celia Lee, na segunda-feira, dia 12, em Los Angeles, Califórnia, acrescentando que ele sofria de pneumonia e tinha problemas nos olhos.

CARREIRA

Stanley Martin Lieber nasceu em 1922, em Nova York, nos Estados Unidos. Começou a trabalhar em banda desenhada (BD) com o pseudónimo de Stan Lee em 1939, contratado por John Goodman, fundador da Timely Publications e primo da sua mulher, Joan.

Ele se tornou um dos nomes mais importantes da BD norte-americana ao criar super-heróis como Homem-Aranha, Thor, Hulk, X-Men, Pantera Negra, Homem de Ferro, Doutor Estranho e Demolidor.

Argumentista e editor da Marvel, foi um dos responsáveis por transformar a empresa na maior editora de BD do mundo a partir de 1961. Após a mudança do nome da editora, primeiro para Atlas Comics, e depois para Marvel Comics, Stan Lee revolucionou o mercado ao modernizar o género de heróis com criações para um público mais velho, como o lançamento de “Quarteto Fantástico”.

Com dramas familiares e heroísmos que utilizavam elementos da ficção científica, as histórias ajudaram na fama de personagens mais complexos e realistas da Marvel em relação à sua principal concorrente, a DC.

O mesmo aconteceu com o Homem-Aranha em 1962, um jovem adolescente que dividia suas aventuras com

problemas no colégio e contas a pagar, e se tornou num dos heróis mais populares da BD. Em parceria com artistas como Jack Kirby e Steve Ditko,

Stan Lee ainda criou outros personagens icônicos, como Hulk, Thor, Homem de Ferro e Demolidor. Em 1963, com a cabeça no movimento por direitos civis de negros no Estados Unidos, lançou os X-Men, uma equipe de mutantes que eram marginalizados e hostilizados pelos humanos.

Além disso, ele desafiou a organização de censura da indústria de BD norte-americana, o Comics Code Authority, indirectamente levando-a a actualizar suas políticas. Em 1994, Stan Lee foi introduzido no Will Eisner Award Hall of Fame, um ano depois no Jack Kirby Hall of Fame e foi distinguido com a National Medal of Arts, em 2008.

DA BD AO CINEMA

Em 1981, Stan Lee transformou os seus heróis em desenhos animados exibidos por emissoras de TV. Quando a Marvel Comics e a Marvel Productions foram adquiridas pela New World Entertainment em 1986, os horizontes do criador foram se expandindo ainda mais. Stan Lee teve a oportunidade de se envolver mais profundamente na criação e desenvolvimento de filmes e séries de TV. Ele constantemente fazia aparições nas produções do estúdio.

Nos últimos anos, tornou-se um ícone e a cara pública da Marvel Comics. Fez aparições em convenções de histórias em BD pelos EUA, palestrando e participando em discussões. Mudou-se para a Califórnia em 1981 para desenvolver as propriedades de televisão e filmes da Marvel.

Durante a revolução da Internet, criou o StanLee.net, que pertencia a uma companhia separada e administrada por outros que tinha como conceito misturar animação online com tiras de BD tradicionais, mas a companhia ficou conhecida pela sua má administração e irresponsabilidade financeira.

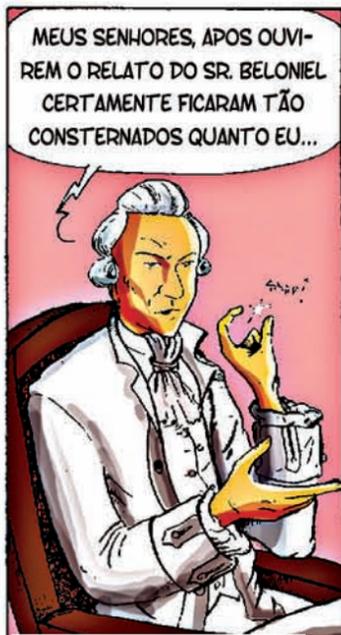
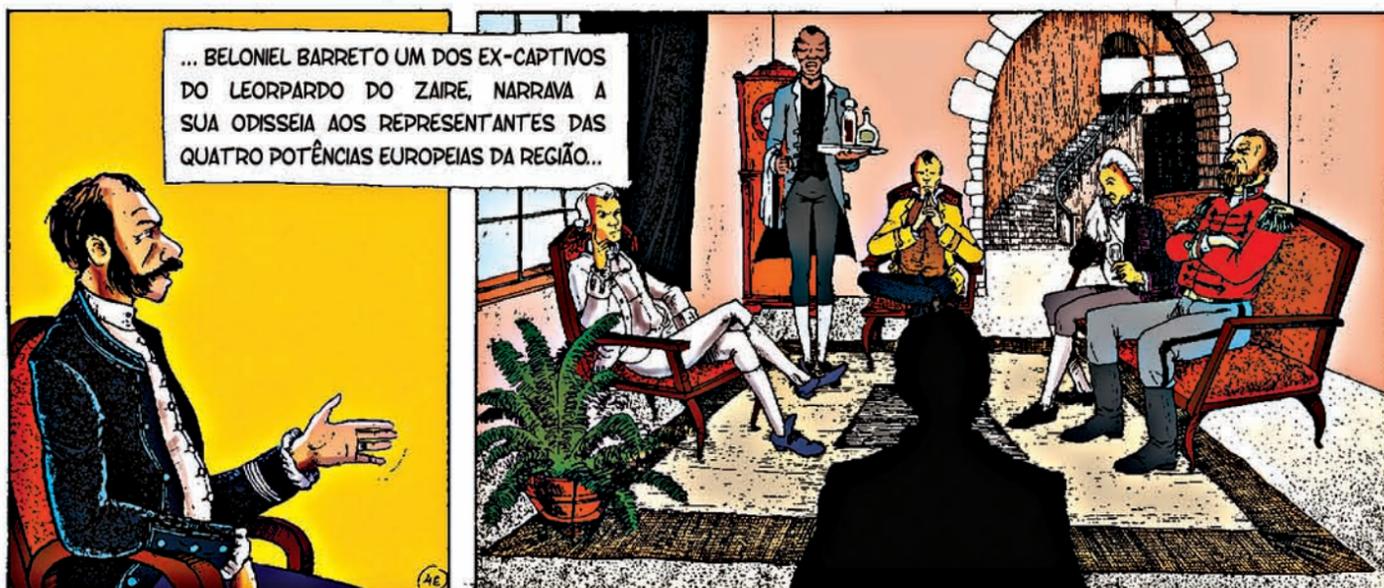
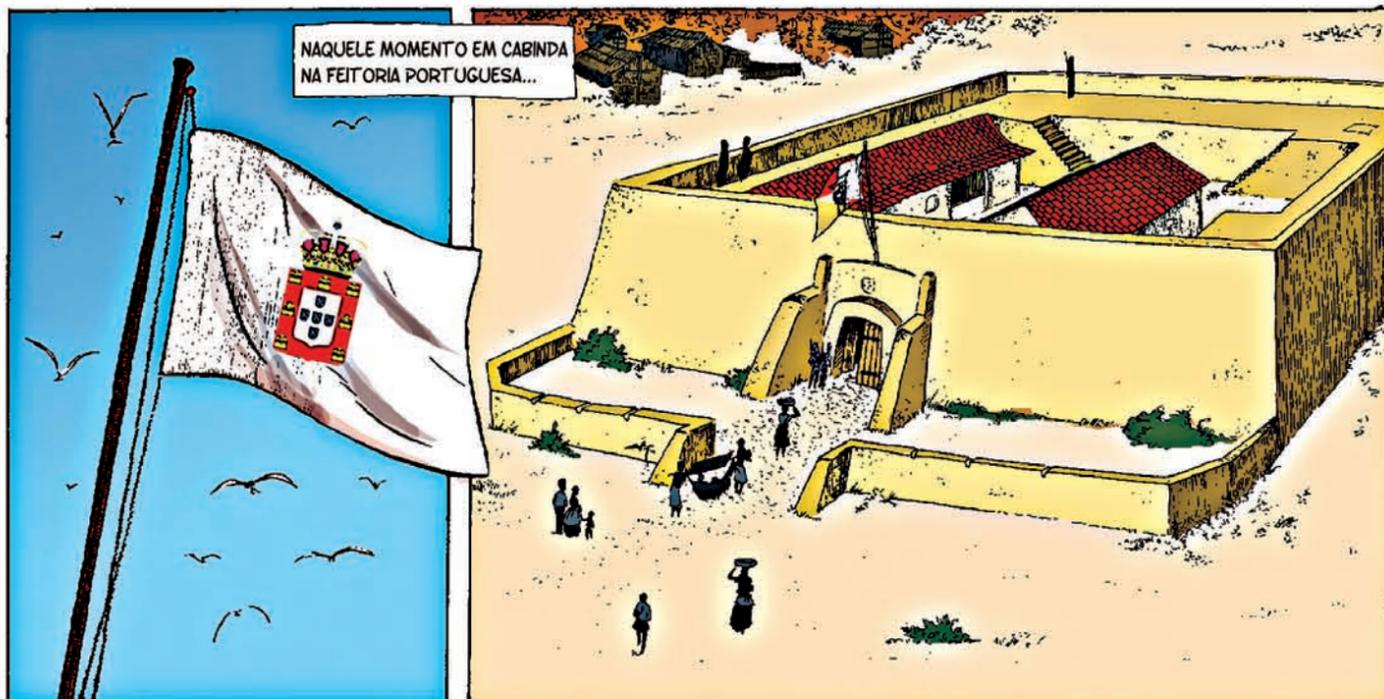


MASALA, O LEOPARDO



Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



**BREVE-
MENTE!**

O CONCURSO ANGOLANO DE BANDA DESENHADA

INSPIRA-TE E PARTICIPA!

REALIZAÇÃO:

© Comix Comics | INIC |

ISSN 2617-7986



9 772617 798007

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO